



Ivan Jaf

# Projetos póstumos de Brás Cubas

Ilustrações: Marcos Guilherme

1ª edição

ENTRE  
LINHAS  
SOCIEDADE

 **Atual**  
Editora

## Série Entre Linhas

---

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Janaína da Silva / Elaine Del Nero

---

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Diagramação • Edsel Moreira Guimarães

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

---

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Nair H. Kayo

Preparação de textos • Maria Cecília F. Vannucchi

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jaf, Ivan

Projetos póstumos de Brás Cubas / Ivan Jaf; ilustrações Marcos  
Guilherme. – 1. ed. – São Paulo : Atual, 2006. (Entre Linhas: Sociedade)

ISBN 978-85-357-0652-9

1. Literatura infantojuvenil I. Guilherme, Marcos. II. Título.  
III. Série.

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

16ª tiragem, 2019

*Copyright* © Ivan Jaf, 2006.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

[atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

Todos os direitos reservados.

CL: 810456

CAE: 602617

# Sumário

|   |    |
|---|----|
| Um pouco de gramática                   | 5  |
| O vizinho famoso                        | 6  |
| A resposta                              | 8  |
| Um aparte                               | 10 |
| O velório e a opinião alheia            | 11 |
| O que os outros pensavam a meu respeito | 13 |
| Segundas intenções                      | 14 |
| Álbum de família                        | 16 |
| O projeto                               | 18 |
| <i>Causa mortis</i>                     | 20 |
| A proposta                              | 21 |
| Genealogia circular                     | 23 |
| Ao trabalho                             | 24 |
| Pássaros noturnos                       | 25 |
| Breve explicação                        | 27 |
| A agência de propaganda                 | 29 |
| O tédio                                 | 32 |
| Pausa para descansar                    | 34 |
| Fazendo a cabeça da irmã                | 35 |
| A grande ideia                          | 38 |
| Razão da mudança                        | 39 |

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Carona                     | 40 |
| A equivalência das janelas | 45 |
| Tânia                      | 46 |
| 1/2                        | 49 |
| Aviso importante           | 50 |
| Pequenas condolências      | 51 |
| A campanha publicitária    | 53 |
| A surpresa                 | 60 |
| Um sentido para a vida     | 61 |
| O humanismo                | 64 |
| <i>Made in Brazil</i>      | 67 |
| Os cunhados                | 70 |
| O futuro com emplastro     | 72 |
| Delícias e flagelos        | 74 |
| A revelação                | 78 |
| Epílogo                    | 80 |
| Epílogo                    | 83 |
| O autor                    | 85 |
| Entrevista                 | 86 |

**Nota do autor:** Como o próprio fantasma de Brás Cubas informará neste livro, grande parte de suas falas foi extraída da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Estão assinaladas em itálico. Fiz alterações mínimas e alguns encaixes, procurando a fluidez e a naturalidade dos diálogos. Pelos mesmos motivos, optei por não os apresentar segundo os sinais gráficos padronizados para esse tipo de citação, como reticências e intervenções entre colchetes.

# Um pouco de gramática



Eu sempre fui muito distraído. Mesmo quando estava lá, deitado no caixão, o rosto aparecendo entre aquelas flores murchas e com os dois chumaços de algodão ridículos enfiados no nariz, eu pensava em outra coisa. Não pensava na morte, nem em para onde eu ia, nem em céu ou inferno. Na verdade eu refletia sobre os tempos verbais.

Deve ter sido algo que o padre disse no velório. Aquela frase do começo da Bíblia: “No princípio era o verbo”... Agora, depois de morto, eu me perguntava: tudo bem, mas em que tempo?

Verbo é ação, e ação é o que a gente tem de fazer desde que nasce até que morre. Aí eu me perguntei: em que tempo verbal eu conjuguei o verbo da minha vida?

Nada fiz no presente. Não deixei nada feito no passado. E agora, morto, é tarde demais.

Se eu tivesse feito... Se eu tivesse conseguido... Se as coisas tivessem acontecido... Meu tempo verbal foi o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.

# O vizinho famoso



Lá estava eu, já na minha sepultura, o caixão fechado, com uma laje pesada por cima e mergulhado na escuridão absoluta, quando ouvi uma voz muito respeitosa:

– Com licença.

– Quem é?

– Não precisa se assustar. Depois de morto não nos pode acontecer nada pior, portanto não há motivo para sustos. Sou seu vizinho de tumba.

– Prazer...

– Perdão se o incomodo quando mal começou o seu descanso eterno, mas gostaria de conversar um pouco com o cavalheiro.

– Sem problema. Fique à vontade. Mas... você também está morto?

– Muito morto, meu amigo. Há mais de um século. Morri em 1869.

– Continua falando? É isso que está fazendo? Falando?

– Os hábitos não se perdem facilmente. O senhor não gostaria de sair um pouco? Deve estar escuro aí dentro.

– Sair?

– Todos já foram. É noite. Venha para fora.

– Como?

– É só imaginar que isso é possível.

Fiz o que a voz mandou e imediatamente me vi sentado na beira da minha tumba. A Lua cheia refletia nos mausoléus de mármore do cemitério.

À minha frente, muito formal, um senhor de casaca preta de cetim, calça e cartola também pretas, fartos bigodes e óculos sem aros presos ao nariz olhava-me com interesse, apoiado numa bengala.

– O cavalheiro me parece um pouco desconjuntado – ele disse. – De que morreu?

– Cálculo – eu respondi.

– Nos rins?

– Não. Achei que dava pra atravessar a rua. Calculei mal.

– É muito desagradável morrer sem estar doente. Eu morri de pneumonia, na cama. Não posso me queixar. Na cama somos feitos, na cama nascemos, na cama passamos um terço da vida. É justo morrer na cama.

O leitor, se tiver um pingo de imaginação, pode facilmente visualizar a cena. Eu estava diante de um fantasma muito antigo, numa noite de Lua cheia, no meio de um cemitério. Mas não sentia muito medo.

– Eu sou um fantasma também?

– Sim. O cavalheiro é um fantasma – disse o outro e passou a bengala por dentro do meu corpo, educadamente, para me mostrar que eu não existia.

– Você é o fantasma de quem? Desculpe perguntar.

– Como sou pouco educado... – Ele sorriu. – Ainda não me apresentei. Muito prazer. Chamo-me Brás Cubas.

Estendi a mão. Ele balançou a cabeça.

– Não há o que apertar num fantasma. O senhor precisa se acostumar.

– Seu nome não me é estranho... – tentei lembrar. – Ah, já sei... É aquele, do tempo das capitânias, que fundou a cidade de Santos.

O velho não gostou nem um pouco do que eu disse. Cruzou as mãos atrás das costas e ficou andando de um lado para o outro, resmungando:

– Tenho sempre de responder a isso. Não bastou ter dito tantas vezes em vida, agora também na eternidade. Não, não tenho nada a ver com o Brás Cubas donatário. Sou o outro Brás Cubas, personagem de Machado de Assis. A personagem central do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas!*

– Mas espera aí – reclamei –, se você foi personagem de um livro, você não existiu. Se não existiu, como pode ser um fantasma?

A resposta que ele me deu merece um novo capítulo.



## A resposta

– Se o cavalheiro andar por este cemitério, poderá ler centenas de nomes escritos nas tumbas. Nomes de pessoas que existiram de verdade, mas das quais o senhor nunca ouviu falar. Concorda?

– Concordo.

– Embora eu não tenha existido, de mim o senhor ouviu falar, não ouviu?

– Certo.

– Se eu sou mais conhecido do que milhões e milhões de anônimos que nascem e morrem todos os dias, tenho tanto direito de virar um fantasma quanto eles, ou até mais.

– Pode até ser – admiti. – Mas o caso é que você não existiu, e o problema continua.

– Ora, meu amigo... é um disparate o senhor cobrar a existência de um fantasma!

Com essa eu me calei.

– Quanto ao meu nome – ele voltou –, se me permite explicar... *o fundador da minha família foi um certo Damião Cubas, tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, que teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas.*